

## COISAS DA POLÍTICA

DORA KRAMER

Cadáveres  
insepultos

O PT rechaçou com veemência a insinuação de que o senador José Eduardo Dutra seria não apenas cúmplice, mas o mentor intelectual da fraude do painel eletrônico na sessão que cassou Luiz Estevão. Fez bem o partido de não ficar na defensiva, como fará bem o senador Dutra ao provocar, na semana que vem, o Conselho de Ética a reabrir o processo para investigar a participação dele.

É a única maneira de enfrentar uma ofensiva articulada das sombras por aqueles que durante semanas tiveram câmeras e microfones à disposição para dizer de público o que dizem hoje às escondidas – pessoalmente e por interpostas pessoas –, e não o fizeram. O estranho é merecerem agora, em *off*, a credibilidade a que não fizeram jus em *on*.

A história publicada pela revista *IstoÉ* circulava há dias, em bocas e ouvidos de Brasília, e dá conta de que José Eduardo Dutra acabou por provocar a violação do painel porque estava desconfiado de que a senadora Heloísa Helena votaria contra a cassação de Luiz Estevão.

A partir daí, teria acompanhado de perto todo o desenrolar dos acontecimentos, segundo relato que só pode ser da autoria de quem participou da operação. Embora a origem seja um dado importante no que tange à decisão sobre a publicação de informações, primordial no momento é fixar atenção sobre a lógica dos fatos.

E esta não faz sentido. A menos que a combinação fosse fraudar e não apenas violar o sigilo do resultado, o que adiantaria a Dutra apenas saber como votara Heloísa Helena? Precitaria no mínimo ter a chance de provocar a mudança desse voto.

Uma coisa é dizer que o senador Dutra ouviu conversas a respeito da possibilidade de fraude e da existência da lista de votação. Isso muita gente ouviu e parece que há também os que viram. Outra coisa é incluir o senador no rol dos acusados pela violação.

Por um motivo simples: durante todo o processo Dutra teve uma participação ativa nas investigações – apresentou a denúncia ao Conselho de Ética, defendeu o voto aberto no relatório de Saturnino Braga e inquiriu os dois senadores publicamente – e em nenhum momento os envolvidos o acusaram de nada.

Não lhes faltou tribuna nem oportunidade para isso. Um cúmplice agiria mais discretamente. Até pela possibilidade de que os envolvidos, acuados, decidissem num rompante levá-lo no trambolhão.

Nenhum dos dois tinha motivo para preservar José Eduardo Dutra. Ao contrário, era uma oportunidade de ouro para desqualificar o PT e, quem sabe, toda a investigação. Ficaram quietos por quê? Por piedade, comiseração, complacência, misericórdia?

Ora, por favor, a mesma tentativa de disseminar a desmoralização tentando levar mais gente à cova rasa foi feita por Luis Estevão, logo após a cassação, com farta distribuição de dossiês à sorrelfa. Convenhamos, ele não deveria ser um bom exemplo a ser seguido por aqueles que dizem ter feito o que fizeram em nome de elevadas razões da ética e do Estado.